

## O USO DAS FÁBULAS NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Renan de Moura Rodrigues Lima  
Lúcia Regina Lucas da Rosa

### RESUMO

O trabalho mostra a importância de usar as fábulas no Ensino Fundamental. Esse gênero textual, por ser curto e breve e por apresentar uma linguagem acessível, mostra-se como uma importante ferramenta para o plano pedagógico em relação ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita na sala de aula. Baseado na teoria abordada foi possível perceber o quanto o uso da fábula é útil para a formação da criança, desde a utilização da “moral”, presente na maioria desses textos, como na sua estrutura textual. O fato de ela ser um produto espontâneo do ser humano, instrui e diverte, provocando discussões, reflexões e risos no leitor. Ao trabalhar esse gênero textual é possível ler e analisar diferentes textos, realizando um trabalho intertextual com eles, a partir da paráfrase e da paródia. Diante desses conceitos, foi desenvolvido o projeto com os alunos do Ensino Fundamental para elaborarem suas próprias fábulas, a fim de que elas, no final do projeto estivessem reunidas em um livro escrito por eles.

**Palavras-chave:** Fábula. Reescrita. Projeto. Leitura

### ABSTRACT

*The present research shows the importance to use the fables in Elementary Education. This kind of text, for being short and brief and for presenting an accessible language, it shows itself as an important tool for the teaching plan for the development of oral and writing language in the classroom. Based on theory mentioned it was possible to realize how the use of the fable is useful for the child education, from the “morality” use, present in the majority of these texts, and in its textual structure. The fact that it is a spontaneous product of human beings, it teaches and entertains, leading discussions, reflections and laughs on the reader. By working with this kind of text it is possible to read and analyze different kinds of texts, doing an intertextual job with them, from paraphrase and parody. Given these concepts, it was developed a project with Elementary School students to create their own fables in order that these fables, at the end of the project, were collected in a book written by them.*

**Key words:** Fable, Rewriting, Project, Reading.

---

Centro Universitário La Salle – Unilasalle/Canoas - RS

O presente artigo pretenderá mostrar que a atividade em sala de aula com as fábulas é um importante aliado, tanto para o plano pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita, como também em uma perspectiva sociológica. Descobrir ou revelar o que está por trás de cada fábula, quais valores passam e que mensagem há para a vida são questões que despertam nos alunos o hábito da leitura e da escrita, da criação e da produção.

Além de enfatizar a importância do trabalho com esse gênero textual, pretende-se apresentar alguns conceitos e esclarecimentos sobre as fábulas, como surgiram, principais autores, e como o uso desse gênero textual possa ser importante no processo educativo das crianças. Neste sentido, será apresentada uma definição sobre o uso da paráfrase e da paródia para com a fábula, além de possibilitar o estudo através da intertextualidade entre fábulas consagradas dos referidos fabulistas.

Finalmente, será apresentado o projeto “Escrita de fábulas contemporâneas” realizado com alunos de 5ª série, na cidade de Esteio - RS, o qual levou ao desenvolvimento criativo dos alunos, através da leitura e reescrita de algumas fábulas, encaminhando a turma para autoria.

De acordo com Nelly Coelho, fábula “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade” (2000, p. 165). De acordo com os estudos realizados por ela, a fábula vem do latim com o significado de “falar” e do grego que é o mesmo que “dizer”, contar algo.

A fábula é uma narração alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos. A fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada.

No ocidente, as primeiras notícias que se tem desse gênero surgiram no século VI a.C, através do suposto escravo grego Esopo, de quem dizem ter transmitido suas histórias de forma oral. Já no século I a.C, aproximadamente, Fedro, um escravo romano, aperfeiçoou esse gênero. Ele inicia os registros escritos das narrativas de Esopo e, também, cria as suas próprias fábulas. Já no século XVII, surge o fabulista francês La Fontaine, que retoma algumas fábulas antigas e cria as suas também. Os textos desse escritor não apresentam grande originalidade temática, mas recebem um tempero de fina ironia.

No Brasil, a fábula começou com Monteiro Lobato que utilizou toda sua genialidade, através dos personagens do Sítio do Pica-pau amarelo, para reescrever e escrever inspirado nas fábulas de Esopo e La Fontaine, as quais, na versão do brasileiro, ressurgem com saber todo especial. Monteiro Lobato reconta em prosa esses textos, trazendo, após a narrativa, discussões sobre o tema abordado na fábula. Outros fabulistas brasileiros são Donaldo Schüller e Millor Fernandes, esses mais contemporâneos, que recriaram as fábulas de maneira irônica, através de situações do cotidiano moderno.

Sendo as fábulas pequenas narrativas em que animais são os personagens protagonistas, o comportamento humano é criticado através de atitudes de animais que poderiam ser bons, maus ou apresentar diferentes virtudes ou defeitos. É comum que esses animais representem raposas, lobos, formigas, entre outros. Cada um deles apresenta características tipicamente humanas. Como exemplo, o leão representa força e poder, o cordeiro representa ingenuidade, a raposa simboliza a esperteza. Para Coelho (2000, p. 166), La Fontaine explicita em sua primeira coletânea de fábulas que se serve de animais para instruir os homens.

A fábula tradicional apresenta um relato direcionado a uma lição de conduta. Mesmo que as personagens sejam animais, como ocorrem muitas vezes, elas representam emoções e sentimentos humanos, servindo para divertir e educar. Além de contar uma história, apresenta um ensinamento, procurando alertar os homens a pensar antes de agir, a fazer amigos, a evitar inimigos, a defender-se, tentando reconhecer a esperteza dos outros que julgam ser mais sábidos e fortes.

Outra característica importante desse gênero se deve ao fato de, por ser simples, é que se credita sua popularidade. Sua resistência através dos tempos e sua presença entre diferentes culturas, tanto ocidentais como orientais, tem mostrado que o uso da fábula se caracteriza como um instrumento de poder.

Pode-se perceber que a fábula tem servido de propósitos diferentes durante a história. Por Aristóteles, em sua obra “Arte retórica”, foi usada como recurso retórico. Foi vista também com a função de enaltecer virtudes, sobretudo a prudência e de advertir em relação ao perigo de abuso do poder (SANTOS, 2003, p. 21), aparecendo em Sócrates sobre o caráter de exemplo e em Esopo como advertência. Em Roma, a fábula de Esopo ganhou adaptação de Fedro e foi utilizada para criticar a sociedade, sendo, pois, um modo camuflado de estabelecer essa crítica.

Em relação à fase contemporânea no Brasil, percebe-se que essa ideia de que a fábula encerra uma verdade inquestionável já foi desconstruída. Fabulistas como Monteiro Lobato trabalharam no sentido de relativizar as moralidades, cristalizadas nas fábulas ao traduzi-las e adaptá-las para o Brasil, interferindo nos desfechos e enredos nas histórias. Já Donaldo Schüller, em “Refabular Esopo” (2004) apresenta uma nova concepção de fábula, com um divertido fabulário, composto por inúmeras narrativas, marcadas pela concisão e pela ousadia da linguagem. Esse último fabulista se destaca pela sabedoria que atravessa os seus textos, sendo sempre inquietante e provocativa, utilizando-se de pitadas de humor e de sátira política nos tempos atuais.

Entre as fábulas de um povo e outro, sempre haverá diferenças quanto ao modo de estruturar o texto ou quanto aos temas e figuras selecionadas. Só que tais diferenças são baseadas por fatores culturais. A maneira como funciona permite que seja entendida como representante de uma mesma prática discursiva. Para Dezotti (2003), a fábula é um modo universal de construção discursiva. Assim, para abrigar a diversidade de textos que a cultura ocidental rotula como fábula, é proposta uma definição que contempla a sua essência: fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa. Logo, ela constitui um modo poético em que o narrar passa a ser o meio de expressão do dizer. De acordo com Dezotti, na fábula o narrar está a serviço dos mais variados atos de fala: mostrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar. “Dizer uma narrativa é um ato linguístico para o qual todo falante tem competência”(DEZOTTI, 2003, p.22). Percebe-se que, para usar uma narrativa como fábula, basta que ele a configure um discurso alegórico, ancorando o “outro” significado ao seu contexto de enunciação. É essa vinculação que obriga o ouvinte a não só compreender a narrativa, mas também interpretá-la.

A fábula, quando analisada, considerando a sua instância de enunciação, observa-se que ela é um discurso, um ato de fala, que se realiza pela articulação de três discursos. Conforme Dezotti, esses discursos são narrativo, interpretativo ou moral e um metalinguístico. Nas fábulas da Antiguidade, o texto metalinguístico se constitui, em geral, de construções formulares de fácil memorização. Assim, nos escritos atribuídos a Esopo, observa-se que, muitas vezes, o fabulista considerava suficiente apresentar apenas uma parte da fórmula, característica do texto que informa o ato de fala que está sendo realizado, certo de que o interlocutor tivesse condições para preencher o restante das lacunas deixadas.

Podem-se achar documentadas as várias possibilidades de estruturação discursiva da fábula, principalmente as gregas, nos mais antigos textos dessa cultura, em que a prática da

fábula constituía um discurso bastante popular. Presente nas falas de heróis, de reis e de pessoas do povo, elas constituem exemplos de fábulas aplicadas a uma situação particular. Segundo Dezotti, as diferentes personagens comunicam mensagens por meio de narrativas que são interpretadas de acordo com orientações apontadas na própria estância da enunciação ou expressas em textos metalinguísticos.

Esse fascínio dos gregos pela fábula foi logo administrado pela Retórica, que a inclui entre as possibilidades de construção de provas persuasivas. Aristóteles, em seu texto Retórica, menciona a fábula como um exemplo que o orador pode facilmente inventar. Os retores gregos foram grandes estudiosos da fábula, por verem nela um bom recurso para exercitar a competência argumentativa dos futuros oradores. Um desses retores é citado no livro “A tradição das fábulas”, dizendo que, para ele, “a fábula é uma fala mentirosa que retrata uma verdade” (DEZOTTI, 2003, p.28). Essa definição revela que os estudiosos tinham plena consciência de que a fábula era, acima de tudo, fala e discurso.

Segundo o trabalho da mestranda Lisete da Silva Oliveira (2004), sobre a contribuição de Monteiro Lobato à educação, as peculiaridades das fábulas lobatianas é que seus personagens são simbólicos em um contexto universal, são dadas a eles características humanas, como leão, simbolizando a força, entre outros. A linguagem é mais coloquial e o uso dos animais da fauna brasileira como a onça, além de usar expressões do uso popular como “unha de fome” no lugar de “avarento”. Pode-se dizer que Monteiro Lobato, reconhecendo a importância da leitura das fábulas na infância, investiu na passagem do fabulário europeu para o imaginário brasileiro. O caráter educativo da obra lobatiana define-se pela união de ficção e informação numa didática que possibilita o interesse da criança pelo assunto.

Dado o caráter pedagógico, a fábula é geralmente organizada em duas partes: a primeira apresenta a história propriamente dita, que se passa num mundo fictício, em que as personagens são seres humanos ou animais; a segunda que é a moral da história, normalmente no final, acentuando o significado do que foi narrado, direcionando a interpretação do leitor. Na maioria das fábulas, a moral é estrategicamente separada da história.

Para Goes, esse gênero narrativo apresenta explícita ou implicitamente uma lição de moral (1991). Desse modo, pode-se dizer que a fábula servia, inicialmente, para distrair e moralizar, pois assim as pessoas poderiam facilmente acreditar em determinados valores que eram considerados aceitos. Isso pode ser percebido na atualidade, pois os pais e professores

ainda contam essas histórias com a finalidade de entreter e, também, educar, de construir e perpetuar valores. É comum até hoje, ao terminar de contar um fato ou acontecimento interessante, as pessoas anunciarem, no final de sua narrativa, a expressão “moral da história”. É justamente da tradição da fábula que vem este hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem na vida, ou tentar tirar delas algum ensinamento útil, alguma lição prática.

Em relação à moral nas fábulas, Góes afirma:

“A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias”.(1991, p. 144.)

Diante da afirmação de Góes, a fábula teria nascido sob o império do absolutismo e do medo, por isso que se pensa que a fábula deve sua origem à escravidão. Atualmente, questões que envolvem ética têm sido muito enfatizadas nas propostas atuais de ensino.

Para Bagno (1998), as fábulas poderiam suscitar boas discussões em torno de temas como solidariedade, injustiça social, vaidade, ganância, etc. Diante disso, ele se questiona em que medida, a lição de moral contida em determinada fábula ainda se aplica ao modo de vida da sociedade contemporânea? Não estaria representado ali algum tipo de moralidade muito conservadora? Ou, pelo contrário, estariam veiculados ali alguns princípios fundamentais da convivência humana, válidos para qualquer época, qualquer lugar e qualquer cultura? Ou a mudança dos valores morais ao longo do tempo teria feito envelhecer a lição de ética contida nas fábulas?

Conforme esses questionamentos, entende-se que essa reavaliação das fábulas tradicionais tem sido feita por muitos escritores, humoristas e artistas em geral. A fábula da cigarra e da formiga talvez tenha sido aquela que mais passou por esse tipo de (re) interpretação. Humoristas como Jô Soares e Millor Fernandes já fizeram suas paródias dessa fábula. Como interpretar a atitude da formiga e da cigarra nessa história? Dependendo do ponto de vista pode ser entendida como um elogio da acumulação de bens, ou uma crítica à vida despreocupada e ociosa dos artistas. “A cigarra e a formiga” foi escrita na França no

século XVII por um membro da aristocracia e, provavelmente, retrata os valores éticos daquela época e daquela classe social. Portanto, como poderia se avaliar a moral ali contida numa sociedade como a brasileira do século XXI? Não se pode atribuir à moral as mesmas intenções do escritor daquela época, mesmo assim ela nunca desapareceu da fábula. É a moralidade que diferencia a fábula das formas narrativas próximas, como o mito, a lenda e o conto popular. Situada entre o poema e o provérbio, a fábula estaria a meio caminho na viagem do concreto para o abstrato.

O fato de a fábula ser um produto espontâneo do ser humano constitui em si uma alegoria que tem dupla finalidade: instruir e divertir. Goes cita em seu livro a posição de Rousseau em relação à fábula: “Podem as fábulas instruir os homens, mas às crianças é preciso dizer a verdade sem disfarce: quando nós a encobrimos com um véu, elas não se dão ao trabalho de descerrá-lo.” (1991)

Rousseau registrou muito bem a verdade ou mentira científica que é frequente nas fábulas. Apesar de apresentar essa dicotomia, ela possui propósitos didáticos e valores pedagógicos nas lições ligadas ao processo educativo. Como argumentos essenciais para definir a função e significado atualmente pode-se dizer que a fábula esclarece porque a boa literatura nos enriquece, principalmente, quando nos dá consciência sobre problemas e conflitos de diferentes tipos entre seres humanos. Ela ainda nos oferece estratégias de solucioná-los, além de ser um ótimo recurso para orientar os alunos na análise sistemática de textos; isso vale tanto para o conteúdo como para o trabalho formal sobre textos.

É interessante se perguntar ao trabalhar a fábula o que ela acrescenta aos alunos nos seus estudos sobre a realidade social e futura? Ela oferece ao aluno um modelo de raciocínio, que reduz uma satisfação a uma clara relação de fundamento da vida, cujos níveis de resultados são alcançados em poucas e famosas formas, a partir dos animais: animais falam e transitam como seres humanos. Uma vez que o aluno compreende e reconhece a fábula, isso lhe possibilita uma orientação para a vida em dois aspectos; um em que concluem o entendimento de situações humanas fundamentais, e o outro em que a verdade abre seus olhos para o real, desconfortável lado da vida.

Ao se trabalhar a fábula, percebe-se que ela tem nas aulas de literatura ou de português um significado especial na formação da personalidade dos alunos. Enquanto discurso, a fábula é uma fórmula específica de comunicar pensamentos críticos. Ela dirige-se à inteligência, provoca discussões, desafia a crítica e fomenta capacidade dos alunos de analisar e julgar. As fábulas fazem o aluno observar situações de conflito, que os levam a

afastar-se delas sob determinadas circunstâncias e a oferecer situações estratégicas para resolvê-las; as fábulas desafiam a fazer exames críticos de comportamentos e, ao mesmo tempo, à autocrítica, ao rever os próprios modos e posturas. Essa reflexão dos próprios pensares possibilita ao aluno uma avaliação do agir, de sua própria pessoa e de seu modelo de comportamento em situações específicas, aquelas que fundamentam hipóteses para a capacidade de comunicar-se e inteirar-se socialmente. Significa a capacidade de avaliação de conflito no dia-a-dia do aluno, pois os problemas da fábula e os conflitos apresentam soluções estratégicas análogas aos diferentes aspectos da vida.

Os valores humanos são questões trabalhadas em sala de aula através das fábulas. Tais valores estão vivos e presentes no pensamento humano; a todo o momento, determinam o comportamento e orientam a inteligência e a criatividade. Nas fábulas de Esopo “O galo e a raposa” e “O leão e o ratinho” podem ser apontados valores indiscutíveis, como, no primeiro texto, a perspicácia e a sabedoria do galo que desconfiava da raposa que tentava enganá-lo. Podem-se trabalhar, também, os valores que a raposa apresenta e questionar quais são e se eles correspondem a um comportamento adequado. No segundo texto, que mais adiante será retomado, mostra um pequeno rato que ajuda um leão, mesmo que este não acredite na fala do ratinho, quando o rei da selva não o come, de que um dia poderia lhe prestar ajuda também. Vê-se, na atitude do ratinho, gratidão, sensibilidade, além de comprometimento com o que havia prometido.

Quebra, neste sentido, com muitos paradigmas e definições que a vida nos pregoa, como uma pessoa desfavorecida seja financeira ou intelectualmente, não conseguir ou poder ajudar outra mais favorecida; que as pessoas de uma classe social mais elevada possam também precisar de auxílio daqueles que não pertencem à mesma classe social, sem falar na relação de tamanho ou qualquer outra que possa evidenciar que um apoio mútuo possa acontecer.

Segundo Coelho (2000), os valores integram o conhecimento, a família, a escola e a vida em sociedade. Vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida, construindo uma consciência da ética e da estética do bem. As fábulas oferecem conteúdos riquíssimos para aplacar nossa sede de encontrar o ponto de coexistências das tensões positivas e negativas da personalidade. Muitos são os valores que podem ser trabalhados através das narrativas: amor, curiosidade, prudência, honestidade, paciência, respeito, responsabilidade... É impossível falar em educação sem trabalhar valores com os alunos. Através das fábulas, nota-se que a vivência dessa experiência aumentará bastante a



possibilidade de um melhor relacionamento social. Eis o porquê de trabalhar valores com as crianças, através das narrativas, especificadamente as fábulas por serem curtas e bastante diretas.

As fábulas, por exemplo, trazem à tona características narrativas diferentes de cartas e biografias, dentre outros tipos de textos, deixando explícito o discurso direto e indireto. E por serem concisas, centradas em um só conflito e apresentarem belas expressões são ideais para explorar diversas questões, com turmas das séries ou anos iniciais do Ensino Fundamental.

A literatura infantil, através da história, transformou em obras clássicas do gênero muitas das narrativas conhecidas, como do folclore popular (COELHO, 2000) e foi durante o Romantismo, na França do século XVII, mais especificadamente, que esse processo começou a tomar forma. Foi nesse tempo que a própria ideia de literatura para crianças começou a ser mais largamente explorada. Segundo Regina Zilberman (2003), foi o zelo romântico em salvar do esquecimento as produções populares ameaçadas pelo modo de vida moderno que deu grande impulso a esse novo direcionamento dado aos materiais de origem popular. Porém, vários desses textos sofriam modificações com o intuito de servirem de mensagens de obediência e advertência em relação aos perigos da vida para crianças. É nesse sentido que a fábula conseguiu ganhar espaço entre os outros modelos textuais, pois foi a perspectiva utilitária que, no início, presidiu a discussão desse gênero literário, conferindo a ele, a função de educar pela transmissão de valores morais e ou informativos.

O texto literário para crianças, para Góes, apresentava-se como o lugar de um sentido inquestionável, daí, talvez, grande parte da afinidade da forma literária fábula com o projeto de textos para crianças. Góes (1991), em seu livro, questiona a quem, de fato, se endereçariam as fábulas? A uma época em que o público infantil não era reconhecido como tal e que o artista jogava com nossa incerteza. Seu livro é dedicado a uma criança, mas esta criança é um filho de rei que precisa ser remetido, o mais rápido possível, às reflexões sérias. As fábulas tiveram um estranho destino, tal era sua perfeição formal que logo se esqueceu de que foram obras de circunstância, perdendo suas conotações, tornando-se simples histórias de animais

A prática da leitura e da reescrita desse gênero textual, a partir dos conceitos de intertextualidade, paródia e paráfrase. Ao falar sobre a prática de escrever e reescrever textos, em seu livro, diz a professora Maria Luci Prestes (2001, p. 10), “escrever não é um dom nem um privilégio inato de gênios, mas um trabalho orgânico, um trabalho que envolve o fazer e o refazer”. Pode-se dizer que, diante da constante elaboração do texto, “a reescrita é o momento

da produção de um texto em que paralelamente também se produz leitura”(PRESTES, 2001, p. 11). Na escola, a reescrita ou reescritura, como muitos usam, de textos precisa ser incentivada em todo e qualquer processo de produção textual. Embora seja um trabalho que requer tempo e disposição do educador, os alunos devem ser estimulados a serem mais atentos ao que escrevem, e o professor deve, nesse momento, auxiliá-los, respeitando suas estratégias individuais de (re)escritura.

A partir do momento que há esse respeito e o interesse pelo aluno, pode-se propor que ele analise, compare, e leia diferentes textos, fazendo com que ele amplie sua capacidade compreensiva e linguística acerca da estrutura e de seu conteúdo. É possível, então, propor um estudo de intertextos, pois o termo intertextualidade designa transposição de um ou de vários sistemas de signos em outro. Torna-se possível dizer que na literatura, a intertextualidade não é mais apenas a retomada da citação ou da reescritura, mas descrição dos movimentos e passagens da escritura na sua relação consigo mesma e com o outro.

“Na intertextualidade não há fronteiras, não há divisória entre o eu e o outro, não há ruptura. Intertextualidade é a retomada consciente, intencional da palavra do outro, mostrada, mas não demarcada no discurso da variante” (DISCINI, 2004, p.11). Nas fábulas estudadas foi possível perceber que a capacidade discursiva preocupa-se com o plano textual de cada uma delas, ou seja, com os tipos de discurso e de sequência pertencentes a determinado gênero.

Esse estudo intertextual se dá, muitas vezes, pela possibilidade que se tem em analisar e compreender os textos a partir do recurso da paródia e da paráfrase. O estudo dessas formas de escrever ajuda a entender o enigma do que é “literário” e a compreender a formação da ideologia através da linguagem.

A paródia é um efeito de linguagem que vem se tornando cada vez mais presente nas obras contemporâneas. Alguns fabulistas modernos, como Donald Schuler, destacam-se pela ousadia da linguagem. Seu estilo deixa de sacralizar a própria ideia de verdade que sustenta o modelo clássico e carnavaliza, com tom paródico e malicioso, o princípio de moralidade inerente ao conto fabular convencional. Apesar de a paródia estar presente na literatura moderna, não significa que ela seja uma invenção recente. Já existia na Grécia, em Roma e na Idade Média. Talvez o que tenha ocorrido atualmente seja apenas uma intensificação do seu uso por um interesse maior da crítica.

O livro de Sant’Anna “Paródia, paráfrase e Cia(1991) nos dá uma definição curta e funcional: paródia significa uma ode que perverte o sentido de outra ode. Ode era um poema

a ser cantado. Paródia implicava a ideia de uma canção que era cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto. Existem três tipos básicos de paródia: verbal (com a alteração de uma ou outra palavra do texto), formal (em que o estilo e os efeitos técnicos de um escritor são usados como forma de zombaria), temática (em que se faz a caricaturada forma e do espírito de um ator). Modernamente a paródia se define através de um jogo intertextual; por isso, o estudo anteriormente do que seja intertextualidade.

A paráfrase, muito comum no estudo das fábulas, conforme já foi possível observar no presente trabalho, está voltada para a arte de imitar. O termo paráfrase tem um sentido diversificado. Segundo Sant'Anna, um deles é a reafirmação em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita. Uma paráfrase pode ser uma afirmação geral da ideia de uma obra como esclarecimento de uma passagem difícil. Em geral, ela se aproxima do original em extensão.

Diante dessas prévias definições, é possível perceber que entre paródia e paráfrase há uma oposição muito forte. Essa abordagem será fundamental para que seja apresentado o próximo capítulo do trabalho. Apontar tal oposição facilitará o entendimento da diferença existente entre esses recursos.

A paródia, por estar do lado do novo e do diferente, é sempre inauguradora de um novo paradigma. De avanço em avanço, ela constrói a evolução de um discurso, de uma linguagem sintagmaticamente. Em contraposição, se poderia dizer que a paráfrase, repousando sobre o idêntico e o semelhante, pouco faz evoluir a linguagem. A paráfrase é uma continuidade; a paródia é uma descontinuidade. Paródia e paráfrase se tocam num efeito de intertextualidade, que têm a estilização como ponto de contato. Falar de paródia é falar de intertextualidade das diferenças. Falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças. Enquanto a paráfrase é um discurso em repouso, a paródia é o discurso em progresso.

Para Sant'Anna (1991), na paráfrase alguém está abrindo mão de sua voz para deixar falar a voz do outro. Na paródia se busca a fala recalcada do outro. A paráfrase é um discurso sem voz, pois quem está falando está falando o que o outro já disse. Nesse sentido, ela difere da paródia, pois nesta aparece a ambiguidade e a contradição. Desse modo, a paráfrase surge como um desvio total. Baseado nisso, sem dúvida, a paródia deforma o texto, subvertendo sua estrutura ou sentido. Já a paráfrase reafirma os ingredientes do texto primeiro conformando seu sentido.

Para concluir as diferenças mencionadas, vale dizer que a paródia, direcionando a performance da construção do seu deboche, para o texto base, brinca com ele, subverte-o, destrói o seu enunciado e a sua enunciação, mas renova-o, vivificando-o espalhafatosa e grotescamente. Já a paráfrase, nesse mesmo processo, faz a reprodução dele. Para Discini (2004), ela debruça-se sobre a tela original para confirmá-la, aprofundando um detalhe aqui, atenuando uma cor lá, parecendo modificar um contorno acolá. O quadro original sobrepõe-se ao novo. Lê-se esse discurso pensando mais no texto-base do que na variante

Após essa abordagem mais teórica, fica mais fácil de entender que a fábula tem de ser contextualizada pelo leitor, para que entenda os motivos que levaram o autor a escrever daquela forma e não de outra. Para essa contextualização, é essencial conduzir o trabalho na perspectiva de ajudar a turma a pensar e avaliar o que e como mudar e quais os impactos que as mudanças provocam no enredo.

Ao lecionar para uma classe de 5ª série do Ensino Fundamental da rede particular de ensino do município de Esteio/RS, foi desenvolvido um trabalho com os alunos, tendo como enfoque principal as fábulas. Como já foi mencionado, esse gênero textual é importante para o desenvolvimento da criança, no contexto educacional. São frequentes os estudos que comprovam a necessidade e os benefícios que as fábulas proporcionam às crianças na integração ao mundo da literatura infantil.

O estudo teórico foi o suporte adotado para que o projeto de se trabalhar com as fábulas fosse realizado e compreendido pelos alunos, seguindo as etapas previamente estabelecidas. Antes de iniciar o projeto, foi constatado que esse gênero é considerado uma ferramenta poderosa para o aprendizado de valores e comportamentos socialmente valorizados, além de ser de fácil compreensão, não longo e pelos alunos apresentarem interesse ao ler. Desta forma, foi procurado desenvolver um trabalho diferenciado, no qual buscava, a partir da fábula, despertar cada vez mais o interesse dos alunos pela leitura, de modo a terem o prazer ao ler e desenvolver suas próprias produções textuais.

As fábulas utilizadas para que os alunos realizassem tanto a leitura, como também a reescrita foram textos consagrados. Neste momento do projeto, foi relatado a eles que, no final, os textos criados estariam em um livro feito por eles. Todos, a partir de então, entusiasmaram-se com a ideia de ver seu texto publicado, além da possibilidade de realizar a leitura dele para os alunos de outras séries e fazer uma noite de autógrafos para os amigos e familiares.

Desse modo, foi percebido que as fábulas podem ser um importante aliado, tanto para o trabalho pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita, como também em uma perspectiva sociológica, já que oferecem esquemas de análise ou explicação para inúmeros comportamentos sociais e de traços de personalidade individuais. Esses pontos justificam a presença deste gênero literário já nos primeiros anos escolares.

O início do projeto foi fundamental para que as crianças se debruçassem sobre os textos para analisar como se dá a questão da pontuação e da paragrafação. Foi também possível comparar diferentes versões da mesma história, de forma proveitosa no que diz respeito ao tipo de discurso escolhido, à organização dos fatos, às características dos personagens e também ao vocabulário.

A ideia de propor que os alunos fizessem comparações entre duas versões revela a existência de diversas possibilidades na hora de escrever e pode servir de inspiração para a produção autoral. Cada grupo após realizar o questionário, leu e explicou a fábula que serviu para ser analisada, fazendo com que muitas fábulas fossem trabalhadas em um único momento. Essa atividade foi elaborada para que fosse possível abordar com a turma conceitos básicos de paráfrase, paródia e intertextualidade.

A partir da análise dos elementos que compõem o contexto da produção das fábulas apresentadas, foi possível que os alunos percebessem que os textos apresentados foram produzidos em contextos sócio-históricos diferentes, a fim de alcançarem diferentes objetivos.

Durante duas semanas, os alunos ficaram envolvidos na atividade de elaborar, reescrever e ilustrar as suas histórias. Nesse ínterim, em meio a correções e sugestões, perguntavam se os professores também escreveriam uma fábula para fazer parte do livro. A eles foi relatado que o livro era um prêmio, uma conquista pelo trabalho desenvolvido por eles, mas que não impedia que o professor escrevesse um texto. Foi percebido que eles gostariam de ver seus professores envolvidos no projeto e em escrever. Então, resolvi elaborar um texto, pensando nesse trabalho acadêmico, porém sem ousar colocá-lo no livro. A partir do momento que viram seu professor fazendo a mesma atividade que eles estavam realizando, melhorou bastante o interesse deles pelo projeto. Parece que por um momento não havia diferença entre professor e aluno. Ambos com os mesmos objetivos, buscando inspirações, partilhando saberes e imaginações.

Geralmente, em trabalhos com leitura e elaboração de textos narrativos, costuma ser solicitado aos alunos que produzam textos espontâneos, como se eles dominassem os

elementos básicos na construção das narrativas. A professora Maria Alice Faria (2005), em seu livro, diz que essa é uma ideia muito corrente na escola a de acreditar que a criatividade das crianças já é suficiente para elaborar (criar) suas histórias. Diante disso, é importante adequar o texto ou o livro a ser trabalhado para que esses sejam capazes de ser compreendidos e apreciados pelas crianças.

No caso do trabalho desenvolvido com as fábulas, primeiramente, foi procurado mostrar, na plenitude, o que venha a ser esse gênero. Posteriormente, foi solicitada a reescrita e, na sequência, a escrita da fábula de sua autoria, pois, a partir das vivências em sala de aula, seria possível que eles organizassem esses saberes. A realização dessa etapa do projeto foi baseada na leitura com predominância do uso da paráfrase, pois as paráfrases se diversificam. Houve alunos que reproduziram cenas ou ações parecidas e outros com quadros bem diferentes, apontando as situações elencadas, de modo criativo, usando o seu imaginário.

Em relação ao processo que deve ser desenvolvido para que o aluno possa escrever, Faria diz que se trata da tarefa de estimular o leitor a entender os códigos de imagem e a compreender elementos do encadeamento narrativo (2005). Nesse sentido cabe apenas auxiliá-lo a perceber os elementos mais aparentes da narrativa, para que ele venha a ler com autonomia não uma determinada fábula ou livro, mas diversas fábulas e livros.

Segundo Faria (2005), a tarefa do professor é complexa, pois, dependendo de sua postura, diante desse tipo de trabalho, pode até prejudicar qualquer iniciativa mais pessoal. Nesse projeto, foi procurado observar em cada contexto, em cada etapa, os limites da intervenção, a partir das características de cada aluno (a), respeitando – o (a) em todos os sentidos. É evidente que os resultados obtidos foram bem diversificados, havendo diferenças em termos de densidade e qualidade dos textos produzidos e dos níveis de leitura. Um dos problemas que mais se destacou nos textos da maioria dos alunos foi a falta de conectores, a fim de dar continuidade à narrativa. Foi observado que alguns alunos têm a noção da necessidade desses elementos de ligação, mas não dispõem de suficiente domínio linguístico e vocabulário para fazê-lo.

É necessário, portanto, que esse trabalho tenha continuidade para que possa conduzir os alunos a uma escrita mais elaborada e a uma leitura mais eficiente, embora o projeto tenha sido um caminho desafiador e prazeroso já trilhado, como objeto utilitário, na busca de explorar a capacidade de leitura, do diálogo, da escrita e reescrita textual, fundamentais nesta etapa do processo de aprendizagem. Dessa forma, o aluno que desde muito cedo entra em contato com a escrita e com a obra literária terá uma compreensão muito maior de si e do

outro; terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento; terá ainda uma visão melhor do mundo e da realidade que o cerca. No final, seguem alguns textos publicados no livro, resultado final do projeto proposto.

O artigo procurou mostrar a importância de se utilizar a fábula em sala de aula no Ensino Fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos alunos. Considerou, inicialmente, uma explicação breve sobre esse gênero textual, apontando algumas teorias acerca da fábula e citando os principais fabulistas da história.

A sequência do trabalho permitiu que entendêssemos o porquê da presença da moral nesse tipo de texto e que percebêssemos que o trabalho com fábulas não se preocupa apenas com os aspectos referentes ao conteúdo e forma das fábulas, mas sim compreender que esse gênero possui uma sócio-história, um autor, como se isso não fizesse parte de um contexto mais amplo.

Com o estudo teórico realizado, foi possível mostrar que a fábula é um modo poético discursivo, uma vez que permite serem trabalhadas as capacidades discursivas, especialmente no aspecto referente ao conhecimento, pois ela é um discurso, um ato de fala. Desse modo, cabe salientar o trabalho que pode ser desenvolvido, com esse gênero, a partir do uso da paráfrase, da paródia e da intertextualidade, sendo esses ótimos recursos para que os alunos desenvolvam suas habilidades referentes à leitura e à escrita, conforme foi visto.

A sequência didática apresentada nesse trabalho e aplicada em sala de aula, com alunos de quinta série do Ensino fundamental de uma escola da rede privada em Esteio, configurou-se como uma proposta de ensino de leitura e escrita, a partir da reescrita de fábulas consagradas e que, através da utilização de estratégias que visaram ensinar ao leitor aprendiz formas de interagir com o texto, pudessem levá-los à autoria e à publicação de um livro de fábulas, conforme havia sido combinado no início do projeto.

Do início do projeto até o final foi possível acompanhar o desenvolvimento de cada aluno, tanto em relação à escrita como à leitura. Todos já conheciam esse tipo de texto e se mostraram atraídos por sua estrutura e significado. Segundo alguns alunos, a maior dificuldade nesse projeto foi iniciar o texto, mas depois as ideias fluíram tranquilamente. A leitura realizada das fábulas mais antigas e contemporâneas foi muito bem entendida por grande parte do grupo. Isso colaborou bastante na hora de criar, dando-lhes mais segurança e confiança.

**REFERÊNCIAS**

BAGNO, Marcos. **Fábulas fabulosas**. In.

<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/vdt/vdttxt3.htm> Acesso em 09/2011

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DEZOTTI, Maria Celeste Cansolin (organizadora). **A tradição da Fábula: de Esopo a La Fontaine**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade e conto maravilhoso**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

ENCICLOPEDIA, Grande brasileira de consulta e Pesquisa. Vol.III- MP. P. 2171, Rio de Janeiro, 2004.

FÁBULAS DE ESOPPO/ Esopo; tradução de Antônio Carlos Vianna. –Porto Alegre: L&PM, 2010.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 4. ed. São Paulo: Cortês, 1992.

GÓES, Lucia Pimentel – **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002. Tradução de Ferreira Gullar.



LOBATO, Monteiro. **Obras completas**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (Re)escritura de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino**. 4. ed. São Paulo: Editora rêspel, 2001.

SAMOYALT, Tiphaine. **A intertextualidade**; tradução Sandra Nitrini. – São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991.

SCHÜLER, Donaldo. **RefabularEsopo**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.